

# 1

## Introdução

Este estudo se propõe pensar a tematização da *escrita* em contos, ensaios e poemas de Jorge Luis Borges, em especial os que priorizam o tema da cabala e das escrituras sagradas em geral. A escolha de tal objeto se justifica da seguinte forma.

Uma ruptura com o paradigma reducionista, representativista e essencialista, que toma a linguagem como um sistema racional e objetivo de representação, ruptura que se dá em benefício de uma visão da linguagem como forma de vida, como *práxis*, é uma proposta teórica contemporânea muito recorrente no campo dos estudos da linguagem e do sentido, sendo defendida, de diferentes formas, por pensadores importantes, tais como Wittgenstein, Derrida e Foucault, para citar apenas alguns nomes. No campo extrateórico, escritores de estilos/gêneros tão diferentes quanto Beckett, Kafka e Borges, entre muitos outros, contribuem também com elementos comuns que se alinham com essa “nova” visão.

A linguagem escrita, segundo o paradigma tradicional, funciona meramente como um sistema que representa a fala, ou seja, só interessa aos estudos de linguagem em função da fala. Também aqui as novas vertentes se propõem uma mudança de paradigma.

Dedicando-se às reflexões sobre a linguagem e a escrita encontradas nos escritos de Borges, este trabalho se alinha a um projeto de pesquisa mais amplo, coordenado nesta universidade por Helena Martins, com a seguinte ementa:

Explorando um reconhecimento wittgensteiniano da linguagem como forma de vida, este projeto se dedica ao exame de discursos contemporâneos sobre o sentido que se produzem fora do âmbito de teorias gerais da linguagem. A investigação se articula em dois eixos principais: (a) reclama-se o pensamento extrateórico oferecido em textos ficcionais e paraficcionais (correspondência, entrevista, crítica etc.) nos quais escritores contemporâneos respondem com ênfase particular à questão do sentido; e (b) analisam-se as figurações da linguagem embutidas nas línguas comuns de diferentes culturas e comunidades de fala. Priorizam-se as ocasiões que aí se oferecem para pensarmos não dicotomicamente o jogo entre dizível e indizível, razão e desrazão, literal e metafórico, escrita e fala, nativo e estrangeiro, autoria e tradução.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Descrição extraída do currículo Lattes de Helena Martins.

Uma combinação entre o impulso de investigar essa “nova ordem” no espaço extrateórico da escrita de Borges, uma curiosidade sobre o que conhecemos sobre a cabala e o tratamento desse tema que se oferece no universo borgiano instigou-nos a nos ater ao que também era, ao que tudo indica, o interesse primordial do autor argentino ao escrever/refletir sobre a escrita em geral e a cabala em particular: a possibilidade de investigar o jogo entre a letra e o som e o paradoxo de sua relação de significado. Nosso objetivo principal é compreender as perspectivas de Borges sobre a escrita, com ênfase nos procedimentos hermenêuticos e interpretativos que lhe interessaram.

Trazendo essa questão à luz dos estudos de linguagem, percebemos que, por um lado, existe uma vertente teórica, historicamente hegemônica, que prioriza a língua falada, reconhecendo nela um estatuto ontológico superior, em detrimento da escrita. Por outro, existe uma forte defesa entre teóricos contemporâneos de que o que conhecemos (e vivemos) como linguagem está, sob muitos aspectos, intimamente ligado ao advento da escrita. E onde a literatura de Borges se encaixa, nesse debate?

Apresentou-se, então, o impulso para buscarmos uma hipótese. A homenagem do autor argentino às escrituras e aos procedimentos que levam à interpretação e ao conhecimento delas parecia mostrar que Borges se afina, em alguns momentos, com teorias que valorizam o signo escrito em relação ao falado. Isso posto, nossa proposta seria analisar como isso se verifica nos textos que fazem menção à cabala e aos cabalistas. Ao examinarmos preliminarmente o *corpus* borgiano, percebemos, no entanto, que não há um compromisso estável e coerente com qualquer ponto de vista teórico.

Na contramão de nossa hipótese, vemos, por exemplo, um Borges que, ao dissertar sobre a literatura camponesa de seu país, defende o discurso falado em relação ao escrito: aquele tipo de literatura poderia perfeitamente dispensar uma manifestação escrita.

Igualmente intrigante é a posição de Borges em relação aos textos clássicos, especialmente importantes aqui, já que, como veremos, existe uma preocupação do autor argentino em definir elementos que os distinguem dos textos sagrados. Ao observar o tratamento que Borges confere a vários desses escritos, percebe-se uma instabilidade na forma como se concebe o jogo entre o escrito e o falado.

Diante disso, nosso interesse aqui não é reconhecer *uma* perspectiva borgiana unificada sobre a escrita, mas investigar justamente essa instabilidade.

Para tal, pensamos que seria relevante verificar, em um primeiro momento, como o autor trata as questões de linguagem em geral para, finalmente, debruçar-nos sobre suas perspectivas em relação ao processo da escrita. Seriam visões da linguagem como sistema de representação ou como práxis, forma de vida? Seriam visões que hesitam entre essas duas perspectivas? Que conceitos da análise linguística teórica tradicional são confirmados ou recusados na escrita do autor argentino? Novamente, não examinamos os escritos de Borges sobre a linguagem com a expectativa de reduzi-los a uma visão unificada e homogênea, mas apenas com o objetivo de reconhecer os *insights* que aqui se oferecem.

Ao buscar pontos que pudessem sustentar essa discussão, percebemos a importância de uma linguagem simbólica e metafórica na obra do escritor. A metáfora, que, segundo o próprio Borges declara, está impregnada na poesia, mas não é um fato poético por excelência, ganhou destaque na nossa investigação, a tal ponto que uma das seções do presente trabalho se dedica a ela. Veremos que Borges passeia entre visões contraditórias como questionar a importância da metáfora como um “agrado menor”, por um lado e, por outro, reafirmar a metáfora como elemento central do discurso, além de se alinhar com uma visão nietzscheana de que o tempo todo o homem está em busca de metáforas.

Tendo como pano de fundo esse pensamento mais geral sobre a linguagem, examinamos então a tematização da escrita em Jorge Luis Borges. Ela será vista aqui na sua capacidade de desestabilizar percepções teoricamente disseminadas, abalando, em especial, duas teses tradicionais: a *arbitrariedade do signo* e a *inferioridade ontológica do escrito* em relação ao falado.

A seguir, mostraremos como está estruturada a presente dissertação.

Passaremos primeiro pelas teorias sobre a escrita. O capítulo 2, que é o seguinte a este, aborda primeiramente a escrita em termos de sua conceituação mais geral, e em seguida como manifestação do sagrado. Na primeira seção, visitaremos teóricos como Aurox, Derrida e Foucault, que, seguindo por caminhos diferentes, coincidem num tratamento da linguagem escrita que recusa a perspectiva tradicional da escrita como simples representação da linguagem falada; Barthes nos oferece um panorama da literatura de seu tempo que começa a romper com um paradigma de separação entre o discurso falado e o discurso

escrito, iniciando um legado que se propõe a uma conciliação entre as duas modalidades.

Na segunda seção desse capítulo, começa a desabrochar o tema do sagrado na linguagem. Tomando como base o que foi despertado nas discussões teóricas preliminares, convidaremos também teólogos da doutrina cristã, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. A problematização do signo sonoro e o signo escrito, a metaforização nas escrituras, a tentativa de se enunciar o nome de Deus são alguns dos temas que se abrem nesse debate. Começa a ser traçado um esboço dos elementos das escrituras sagradas que permeiam nossa pesquisa.

No capítulo 3, vemos as perspectivas sobre a linguagem a partir dos escritos do próprio Borges. A primeira seção nos convida a pensar sobre como se manifestam essas reflexões tanto nos ensaios do escritor como na ficção, bem como em textos que, bem ao estilo borgiano, oscilam entre os dois gêneros. Uma linguagem que se propõe enigmática, irracional, mágica e que antecipa, em boa parte de maneira contraditória, as perspectivas sobre a escrita que buscamos investigar. A segunda seção é dedicada à relação entre o autor e a metáfora: novamente dialogando com os teóricos, percorreremos caminhos que desestabilizam a possibilidade de uma visão única, por parte do autor.

O capítulo 4 retoma toda a proposta de debate iniciada nos capítulos anteriores como fundamento para a temática da escrita em Borges e busca testar as hipóteses já apresentadas. Se o ponto de interesse maior são os textos sagrados, optamos por traçar um caminho mais amplo, que vai da literatura camponesa argentina, passa pelos cânones dos textos clássicos e, finalmente, chega àquele gênero de escrita. Aqui veremos novamente a importância dos nomes próprios e dos nomes de Deus como elementos “cabalísticos” e que contribuem para as reflexões teóricas que permeiam este estudo. É neste capítulo, em especial, que se mostra o modo como Borges desestabiliza as teses da arbitrariedade do signo e da inferioridade ontológica da escrita.

No capítulo 5, teremos as considerações finais, em que consolidaremos as reflexões propostas ao longo deste estudo e apresentaremos possíveis propostas para pesquisas futuras.

Com este trabalho, queremos contribuir para os estudos sobre linguagem e sentido, especialmente os que investigam o simbolismo, a metáfora, o jogo entre o

discurso escrito e o discurso falado e, como não poderia deixar de ser, para os estudos sobre o poeta, contista e ensaísta Jorge Luis Borges.